

# 50 anos do assassinato de Aída Curi – O fotójornalismo fazendo escola na revista *O Cruzeiro*

Leandra Francischett\*

## Resumo

A revista *O Cruzeiro* é conhecida pela sua contribuição ao fotójornalismo nacional ao destacar as fotos em relação aos textos. A cobertura do assassinato da jovem Aída Curi, em 1958, demonstra o caráter sensacionalista desse veículo, principalmente com a divulgação de fotos da moça logo após ser jogada do 12º andar, incluindo a poça de sangue ao redor da sua cabeça e as vestes rasgadas. Esse crime aconteceu num momento em que o cinema estimulava atitudes fora da lei, como no filme “Juventude Transviada”. Mesmo assim, esse crime não foi elucidado, os culpados não foram condenados e, 50 anos mais tarde, a morte da menina Isabella Nardoni, jogada do 6º andar, ocupa a atenção da imprensa.

**Palavras-chave:** Revista *O Cruzeiro*, Fotójornalismo, Mulheres, Caso Aída Curi.

---

\*Graduada em Jornalismo, Especialista em Design de Moda e Mestre em História Social.

## Abstract

The magazine “O Cruzeiro” is known for its contribution for the national photojournalism highlighting photos in the texts. The coverage of the murder of young Aída Curi, in 1958, demonstrates the sensationalist characteristic of the media, mainly through the dissemination of the girl’s photos shortly after being thrown from the 12th floor, including a pool of blood around her head and clothes torn. This crime happened at a period when the cinema stimulated bad attitudes, as in the movie “Juventude Transviada”. Same thus, the crime has not been elucidated, the guilty have not been convicted and, 50 years later, the death of the little girl Isabella Nardoni, thrown from the 6th floor, holds the attention of the press.

## Apresentação

Este artigo verifica o que as informações jornalísticas da revista O Cruzeiro significariam para a sociedade daquele período (anos 1950), com ênfase nas matérias sobre mulheres, pouco lembradas pelos meios de comunicação da época. As mulheres eram notícias principalmente pela beleza, pelo talento no mundo artístico, pelos cuidados com a família, por ocupar cargos até então de domínio masculino e por sofrerem violência. Exemplo disso foi o brutal assassinato da jovem Aída Curi, que ganhou destaque em várias edições da revista e é objeto de estudo deste artigo.

Há três fatos citados por Accioly Netto - diretor de redação de O Cruzeiro durante cerca de quatro décadas - que demonstram o prestígio da revista nesta fase. Conforme Netto (1998), o primeiro tratava do assassinato do bancário Afrânio de Lemos, pelo tenente da Aeronáutica Alberto Jorge Bandeira, conhecido com o “Crime da Sacopã”. O segundo, foi o assassinato de Aída Curi, abordado na pesquisa que resultou este texto. Esse assunto foi descrito em uma série de reportagens pelo jornalista David Nasser. Já o terceiro fato foi o suicídio de Getúlio Vargas, em agosto de 1954. Esses exemplos demonstram que os eventos marcados pela imprevisibilidade mobilizam a sociedade e contam com grande divulgação da imprensa.

“Através do fato, o personagem é resgatado, ganhando a partir de

um certo momento um peso muito especial, pois passa a ser o ponto principal de discussão no corpo das notícias veiculadas” (PEREGRINO, 1991, p. 28).

Na noite de 14 de julho de 1958, Aída Curi, 18 anos, foi jogada de um prédio de 12 andares em Copacabana, no Rio de Janeiro, iniciando um caso que, passados 50 anos, não solucionado. Os editores de *O Cruzeiro* destacavam que este era um veículo objetivo e imparcial, mas os próprios textos revelam outra realidade, como a cobertura do caso Aída Curi. Ao afirmar que a revista tentou sim influenciar na decisão do conselho, surge a contradição entre as declarações de que *O Cruzeiro* busca seguir os critérios da objetividade e imparcialidade jornalísticas.

Tentamos influir, sim, na decisão do Conselho de Justiça que deliberou - e reformou numa demonstração de equilíbrio – a sentença que punha na rua, sem mais nem menos, os acusados de tentativa de estupro e de assassinato de uma menina pobre (*O CRUZEIRO*, 2 de maio de 1959, p. 6-7).

A seção “Conversa com o leitor” de *O CRUZEIRO*, 5 de março de 1960, p. 3, demonstra a preocupação da revista estar a frente, superando as características do próprio jornalismo de revista, que prevê mais tempo para produção das matérias, uma vez que busca a novidade e também a agilidade da finalização das matérias, como é habitual dos jornais impressos. A revista considera que, em jornalismo velocidade é vantagem, embora no jornalismo de revista essa regra não seja tão ortodoxa.

Um assunto tido como “das últimas horas” foi sobre Cácio Murilo, um dos implicados na morte de Aída Curi, que fugiu em Belo Horizonte para jogar sinuca, inclusive com uma foto-legenda do acusado. “(...) quando a notícia é de interesse popular, então a revista arregaça as mangas e vai à rua, com a agilidade do jornal. Com a mesma atualização da matéria” (*O CRUZEIRO*, 5 de março de 1960, p. 3).

Conforme Peregrino (1991), *O Cruzeiro* concentrou um grande poder, disseminando assuntos polêmicos, com ampla repercussão popular, através da divulgação de diversas reportagens sobre o mesmo tema no decorrer das edições. Alguns fotógrafos, como Jean Manzon, estimulavam o sensacionalismo, através da exploração de momentos chocantes. As fotos sensacionalistas exploram aspectos incomuns, já que um

acontecimento revelado pela primeira vez ao leitor cria um grande interesse jornalístico. Além disso, os editores apresentavam fascínio por esse gênero de fotografias, a ponto de destinar a elas grandes espaços na publicação. Um exemplo disso são as fotos sobre o assassinato de Aída Curi. A moça aparece caída, toda ensanguentada, com os olhos entreabertos e as roupas rasgadas (figura 1).

**Figura 1 – Corpo de Aída Curi no local do crime.**



*O Cruzeiro, 2 de maio de 1959, p. 8 e 9.*

Na década de 1950, os fotógrafos de *O Cruzeiro* seguiam duas linhas da concepção fotográfica jornalística (PEREGRINO, 1991, p. 94). A primeira refere-se à ênfase na qualidade técnica da fotografia, que trata de uma proposta visual que se reproduz em todo o processo de elaboração, uma vez que as câmeras de médio formato (Rolleiflex) possibilitavam manter a qualidade na ampliação fotográfica, garantindo um caráter documental. Neste caso, perde-se a visão de uma fotografia mais espontânea. Essa tendência tinha Ed Keffel como principal representante.

Já a segunda tendência privilegiava registrar a espontaneidade, numa ruptura dos repórteres fotográficos com o modelo anterior permanecendo de 1942 a 1962. Este estilo foi liderado por José Medeiros, adotando a mesma prática da linha fotográfica do fotojornalismo ameri-

cano e europeu, representada pela revista *Life* e pelo fotógrafo Cartier-Bresson. Principalmente nos anos 1950, *O Cruzeiro* preocupava-se em registrar o improvisado e não intervir na realidade, por meio do uso de câmeras menores e mais modernas, que operam uma reformulação nos conceitos de fotografia de reportagem na revista. Na realidade, a não-intervenção se caracteriza pelo fotógrafo não manipular a cena do acontecimento, como até então acontecia, numa espécie de teatro para registrar o assunto.

No caso do assassinato da jovem Aída Cúri, que teve grande repercussão na imprensa nacional, *O Cruzeiro* destinou muitas páginas ao desdobramento do fato. O jornalista David Nasser chegou a criar uma briga pessoal com os envolvidos no crime. Em 21 de março de 1959 há apenas uma manchete: “David Nasser enfrenta o padroeiro dos tarados” e a matéria tem como título: “Ronaldo, absolvido pelo facilitário” (*O CRUZEIRO*, 21 de março de 1959, p. 4-14).

Há 20 fotos de Indalécio Wanderley e o texto é de David Nasser, que ironiza a postura do juiz Souza Netto e confirma assumir maior agressividade em suas matérias, através da mudança de linguagem, do uso de expressões mais fortes e aparente desrespeito a uma função nobre que é a de juiz. A dureza nas palavras e nos fatos deu-se a partir da posição dos parceiros do Juiz Souza Netto na batalha da impronúncia. “Pois, aceitemos a luta neste terreno do adversário. Mudemos, portanto, de estilo. Do florete passemos ao cacete” (*O CRUZEIRO*, 21 de março de 1959, p. 4). Na seqüência, David Nasser questiona: “O juiz Souza Netto, justificando a sua sentença absurda, afirma (baseado em quê?): ‘Ronaldo deu um ligeiro tapa, Meritíssimo, quase fraturou o maxilar da moça e lhe ensopou o lenço de sangue. Juiz Souza Netto, afinal, o Senhor tem filhas ou não?’” Conforme a observação das matérias, o caso Aída Curi demonstra o descaso e o abuso contra a mulher. Conforme a reportagem, criminalistas julgam a sentença: errada sob todos os pontos de vista jurídicos. A página 10 traz quatro fotos como indícios do crime: lenço manchado de sangue e peças de roupa dilaceradas.

Na abertura de outra matéria, uma foto de David Nasser no estúdio da TV Rio ocupa as páginas 4 e 5. Em detalhe, está uma foto do juiz Souza Netto, com a legenda: “O repórter David Nasser, em busca da verdade, põe o preto no branco”(O *CRUZEIRO*, 29 de março de 1958). Em fotos pequenas aparecem criminalistas que julgam a sentença do

Juiz Souza Netto, entre eles: o advogado José Valadão; o promotor Maurílio Bruno, do 1º Tribunal do Júri; o catedrático Helio Tornaghi; criminalista Serrano Neves; o promotor Emerson de Lima e o promotor Jorge Alberto Romeiro. Logo abaixo das fotos estão trechos das entrevistas desses profissionais, recolhidas por Jorge Lyra. Na página 13, uma foto de Murilo Néri ocupa meia página. Ele está na TV Tupi, no programa *Fim da Noite*, exibindo a revista *O Cruzeiro* que, conforme o texto, abalou o Brasil com o protesto de David Nasser contra a impronúncia dos tarados.

Até mesmo o colunista social Ibrahim Sued destacou ter sido procurado por amigos e parentes de Aída Curi, que segundo provas da perícia foi jogada ou forçada a jogar-se de um edifício da Avenida Atlântica, “em consequência do procedimento monstruoso de três indivíduos: o porteiro do edifício e dois rapazes transviados” (SUED, 2001, p. 36). Essa comissão solicitou que Sued interviesse junto aos seus colegas de reportagem que acompanham o crime para que não silenciassem até o caso ser esclarecido. “A população aguarda que os criminosos sejam punidos, pois a verdade é que os três envolvidos têm, cada qual, a sua parcela de culpa no revoltante atentado contra a honra e a vida de uma jovem indefesa” (SUED, 2001, p. 37).

Em 28 de março de 1959, nas páginas 14 e 15, a direção de *O Cruzeiro* parabeniza Nasser pelo trabalho realizado, com o título: “David Nasser: missão cumprida”. Já nas páginas 41 e 42 está o artigo de Nasser, publicado como a principal chamada de capa. Conforme a direção, ao anular a sentença do juiz Souza Netto e ao determinar que os acusados da morte de Aída Curi voltem à prisão, o Conselho de Justiça – composto pelos desembargadores Sadi Gusmão, Bulhões de Carvalho e Homero Pinho - pôs fim à campanha de *O Cruzeiro*, dirigida por seu redator principal, o jornalista David Nasser, “não contra um homem, não contra um juiz, não contra a Justiça, mas contra uma sentença que debilitava os próprios fundamentos da sociedade”. Foram 21 dias de protesto, tanto nos periódicos impressos, radiofônicos e televisivos, com os programas *Preto no Branco*, de David Nasser, da TV Rio, e *Fim da Noite*, da TV Tupi, que transformaram o assunto num caso nacional. O público aguardava que a sentença fosse revogada, como de fato o foi, já que uma ordem de prisão persegue os réus.

– O Juiz Souza Netto, para mim, nunca existiu como homem, como pessoa, mas sim como entidade. Interessava-me o seu erro, a sua sentença, não a sua condição humana. Se algumas vezes tive de sair da raia e trocar o florete pelo cacete, a vara florida pelo tacape, a isso me obrigaram os seus companheiros, com insultos pessoais. Terminada a primeira fase dessa campanha em benefício da sociedade brasileira, vale aqui ressaltar que o prestígio da Justiça saiu incólume de tudo isto, dessa dura prova, com a revogação da sentença leviana’ – disse David Nasser. Congratulamo-nos com o nosso Redator Principal, com os nossos juízes honestos, com a família brasileira, por essa missão cumprida em 21 dias memoráveis(O CRUZEIRO, 28 de março de 1959, p. 14-15).

A revista informa que o artigo de Nasser “Resposta ao pequeno canalha” já estava composto quando o Conselho de Justiça revogou a sentença do juiz Souza Netto, que concedia liberdade a Ronaldo e ao porteiro, com a ordem de prisão encaminhada para a polícia. “Lugar de criminoso é na cadeia. Está restabelecido o prestígio da magistratura brasileira. Quanto ao juiz Souza Netto, tem saído armado de casa. Se ele usa o revólver como usa a caneta, não há perigo. O tiro vai sempre pela culatra” (O CRUZEIRO, 28 de março de 1959, p. 43).

Na edição seguinte, a principal chamada de capa é: “David Nasser volta à carga: ‘-Querem libertar os tarados!’”. Em 10 páginas há 13 fotos, sendo que uma delas mostra Aída morta, caída no chão, toda ensanguentada. Uma das legendas informa: “O corpo de Aída Curi está moralmente insepulto. Essa pobre menina, esbofetada, rasgada e, por fim, assassinada pelo Sindicato da ‘Curra’, serve, depois de morta, como uma bandeira de luta contra os meninos ricos que matam alegremente, certos da impunidade”(O CRUZEIRO, 2 de maio de 1959, p. 4-13, p. 8).

Curra é uma denominação popular para uma modalidade de crime sexual na qual dois ou mais homens abusam sexualmente de uma mulher, tornando-a ainda mais indefesa ante às agressões.

A moça, filha de uma viúva, praticou o gesto de desespero para salvar-se do que, na linguagem da “juventude transviada”, se chama de “curra”: um rapaz atrai a sua namorada a um local ermo ou apartamento e lá estão vários outros rapazes, amigos do

primeiro. E então subjagam, à força, a vítima. Com a jovem Aída Curi iria acontecer o mesmo, se ela não apelasse para o recurso extremo e fatal de lançar-se do 12º andar ao solo. Desta vez, sim, figuram nessa trama sinistra vários “filhinhos e sobrinhos de papai”, que fazem parte da famigerada juventude transviada de Copacabana, que dança “rock and roll”, veste camisa vermelha, masca chiclete e usa “blue-jeans” (O CRUZEIRO, 26 de julho de 1958, p. 33).

O Brasil é marcado por vários crimes deste tipo na década de 1950, quando vigorava uma rígida moral sexual. Conforme Curi (2008) a violência sexual era prática freqüente na Zona Sul do Rio, motivados pela inércia da Polícia e pela impunidade, caso fossem presos.

Ainda na reportagem em questão, uma foto mostra a mãe de Aída beijando a mão do cardeal: “O cardeal Jaime Câmara recebe a mãe de Aída, em presença do advogado José Valadão, e lhe diz da pureza da sua menina, de quem era conselheiro espiritual” (O CRUZEIRO, 2 de maio de 1959, p. 11). Há uma certa santificação de Aída, até pelo fato de ela ter morrido virgem, o que leva a deduzir sua relutância em ceder às carícias dos assassinos. Há uma valorização do mito virgindade-pureza.

Pequenas fotos demonstram o apoio da sociedade a David Nasser. Na página 7, por exemplo, há uma foto da placa de ouro oferecida pela sociedade, com o seguinte texto: “À David Nasser jornalista-símbolo por sua ação dessombreada no caso Aída Curi. Homenagem do Grêmio Procópio Ferreira. Santa Cruz – Distrito Federal. 12-4-59” (O CRUZEIRO, 2 de maio de 1959, p. 7). Há também uma foto da faixa do almoço em homenagem a David Nasser, também do Grêmio Procópio Ferreira.

A reportagem enfatiza que a magistratura brasileira não deve alegar desprestígio na campanha movida por *O Cruzeiro* contra o impronunciamento dos acusados deste crime. “Não tentamos negar que desejávamos influir tanto quanto possível, interpretando simplesmente a opinião pública, da qual o jornalista é o termômetro ultra-sensível – na modificação do ato que nos parecia, na melhor das hipóteses, fruto do cochilo técnico de quem o praticara” (O CRUZEIRO, 2 de maio de 1959, p. 6 e 7). A revista também não se preocupou em dissimular seu objetivo de exercer pressão sobre o tribunal, mostrando que a sociedade não estava anestesiada e indiferente aos fatos.

“David Nasser: resposta ao pequeno juiz, respeito à mãe do acusado, justiça para a mãe de Aída” é uma das chamadas de capa da edição de 9 de maio de 1959. Sobre esse assunto, há 14 fotos distribuídas em 12 páginas, sendo que a maioria é sobre as mães dos envolvidos no caso. A reportagem tem como título: “David Nasser: os morcegos também são anjos” (Figura 2). O texto de abertura da fotorreportagem destaca que as mães também são vítimas, porque para elas os filhos são sempre inocentes. “Aquela outra mãe que perdeu a filha nas mãos desses anjos, essa acha que morcego é morcego mesmo. O encontro na TV Tupi mostrou que a dor individual das mães dos morcegos não se pode sobrepor ao direito das mães dos verdadeiros anjos, as meninas que morrem em defesa da honra”(O CRUZEIRO, 9 de maio de 1959, p. 5).

**Figura 2 – David Nasser: os morcegos também são anjos**



*O Cruzeiro, 9 de maio de 1959, p. 4 e 5.*

As páginas 6 e 7 (Figura 3) apresentam seqüências de fotos de Cacília, mãe de Cássio, e Jamila, mãe de Aída, acompanhadas do texto-legenda:

Foi um instante de emoção jamais visto aquele em que a mãe de Cássio Murilo, após dizer que sentou no banco dos réus, mas não fora absolvida a priori por nenhuma sentença de impronúncia, dirigiu-se ao estúdio onde Alcino Diniz deixara Dona Jamila, a mãe de Aída, à sua espera. Apenas um rápido olhar da mãe da vítima e uma atitude de espera da mãe do acusado. – E o silêncio reinou em milhões de almas de telespectadores. Na longa vida profissional de Carlos Frias, que comandou a reportagem da noite de segunda-feira na TV Tupi, do Rio, esse foi o momento de mais intensa dramaticidade: cada mãe representava ali uma espécie de dor (O CRUZEIRO, 9 de maio de 1959, p. 6-7).

**Figura 3 – Encontro das mães dos envolvidos**



*O Cruzeiro, 9 de maio de 1959, p. 6 e 7.*

**Figura 4 – Cacilda, mãe de Cássio, e Jamila, mãe de Aída.**

*O Cruzeiro, 9 de maio de 1959, p. 10 e 11.*

Na seqüência, fala-se de Abigail, mãe de Ronaldo Guilherme de Souza Castro:

O respeito que nos merecia a Senhora Abigail de Castro, mãe desse indescritível Ronaldo, aumentou sensivelmente depois de seu gesto acedendo em ocupar a tribuna que lhe concedemos para a defesa de seu filho. Veio de longe, combalida, trazendo o sofrimento nas faces, a amargura dos dias ruins nos olhos, em cada gesto, em cada frase. Via-se que era uma pobre senhora, sem a menor parcela de culpa na tragédia, defendendo com a veemência sincera o filho, procurando convencer a platéia invisível que a ouvia, *a platéia que nós lhe havíamos dado, por dever da imparcialidade* [sem grifo no original]. Descrevia seu filho como o via, como o sentia, mãe extremosa, lutadora, que para esquecer o seu próprio drama íntimo, se entregara bem cedo a uma vida de isolamento e silêncio (O CRUZEIRO, 9 de maio de 1959, p. 8).

A revista registra os méritos de haver uma platéia ouvindo Abigail e novamente cita o objetivo de *O Cruzeiro* mostrar-se imparcial. Na verdade, a revista não está preocupada em ser imparcial, mas sim com a repercussão do assunto, até mesmo porque o texto está em 1ª pessoa do plural, o que já demonstra parcialidade. Algumas vezes, a revista

apresenta um artigo opinativo como se fosse uma reportagem. Neste caso, por exemplo, a mãe de Ronaldo é absolvida, enquanto o pai é tido como culpado, por ter falado mal de Aída e, principalmente, por questionar sua “pureza”, uma vez que esta era a única honra de uma família pobre. Outro exemplo é o emprego da frase: “(...) como dói a dor em nossa carne”(O CRUZEIRO, 9 de maio de 1959, p. 8).

Que dizer, então, Dona Abigail, das palavras más de seu esposo contra a honra da menina que morrera em estado de pureza, que dizer das palavras do pai de seu filho, Dona Abigail, quando disse a um jornal que ‘Aída subira em busca de amor’? Não era, acaso, a dignidade de uma pessoa morta – e portanto sem resposta – que ele agredia? Não era o único bem de uma família pobre – a honra que o seu marido enxovalhava desalmadamente? Como poderia a senhora, minha senhora, esperar que poupássemos a reputação de uma família – a sua família – cujo chefe se portara de maneira tão inescrupulosa? Ah, Dona Abigail, como dói a dor em *nossa carne* [sem grifo no original]!(O CRUZEIRO, 9 de maio de 1959, p. 8).

David Nasser remete aos bons costumes, quando destaca que Aída morreu virgem, para legar um exemplo. Assim, ainda que suas palavras fossem revestidas de todos os matizes de revolta, elas seriam inexpressivas para descrever o que pensa sobre os matadores de Aída e sobre as “três mães que a fatalidade pôs em torno desse bailado de desgraças e misérias, como se fossem extras de um espetáculo cruel” (O CRUZEIRO, 9 de maio de 1959, p. 12).

Em 16 de maio de 1959, a revista aborda novamente o caso Aída Curi: “David Nasser: Eles só matam meninas”, com 13 fotos, páginas 4-12. Apresentam-se fotos com evidências de que a moça realmente foi assassinada e não se suicidou, como é a versão apresentada pelos advogados de defesa. Entre as evidências está o lenço manchado de sangue encontrado na bolsa de Aída Curi. A autópsia revelou ferimentos nos lábios, em função da bofetada de Ronaldo, confirmada por ele mesmo. Além disso, Ronaldo confessou, em juízo, ter rasgado a saia e todas as vestes íntimas de Aída. A anágua de Aída foi encontrada toda ensanguentada. “Resistiu a infeliz moça, nas mãos de Ronaldo, Cássio e o porteiro. Morreu. Os três estavam lá. E agora?” (O CRUZEIRO, 16 de



Dentro da bolsa foram encontrados o lencinho manchado de sangue e os óculos despedaçados. O lencinho dobrado e manchado de sangue dentro da bolsa era uma das provas da resistência de Aída, contra os interessados que desejavam fazer crer que todos os indícios de agressão encontrados em seu corpo não eram senão consequência da queda. Estavam, no entanto, ali a caracterizar a luta dos rapazes para a imobilização da vítima o rasgamento da anágua, bem como o violento arrancar do portaseios... (CURI, 3 de abril de 2008).

A reportagem de *O Cruzeiro* demonstra que muitas das provas foram plantadas pelos próprios assassinos, para dificultar a resolução deste caso e nega a tese do suicídio. “Não se mataria de vergonha quem permanecera virgem” (O CRUZEIRO, 16 de maio de 1959, p. 6). Assim, hipótese mais lógica é que tenha ficado em tal estado de fraqueza, que não teria forças. Na seqüência da reportagem, o pai de Ronaldo procura desmoralizar Aída e sugere que a moça tenha subido ao terraço “em busca de amor”. Já a revista acredita que ela tenha morrido “para se conservar pura – e pura se constatou na autópsia” e, ainda que ela fosse uma “mulher da vida”, não justificaria a conduta dos rapazes: “Admitamos que fosse uma leviana, como o Senhor Edgard Castro, pai de Ronaldo, pretende insinuar, ao dizer sordidamente que ela ‘subiu em busca de amor’. Mesmo que essa menina, que apenas morreu para se conservar pura – e pura se constatou na autópsia – fosse uma mulher da vida, com que direitos os tarados a agrediram, a rasgaram, a exauriram?” (O CRUZEIRO, 16 de maio de 1959, p. 8).

A revista procurou seguir os passos dos acusados. Um texto-legenda informa sobre a foto de Cácio Murilo, um dos implicados na morte de Aída Cúri, que chegou à Escola Técnica de Belo Horizonte acompanhado de um general. “Ficou no internato (que é privativo de alunos) e fez provas em sala separada. Entre as provas de português e matemática, fugiu para jogar sinuca. Foi reprovado no concurso. Em sinuca tirou nota dez” (O CRUZEIRO, 5 de março de 1960, p. 3).

Uma matéria de David Nasser, com o título: “O revólver do Edgard [pai de Ronaldo] – folheado a ouro, mas não atira sozinho”, demonstra a perseguição deste jornalista, que estava cobrindo os desdobramentos sobre a morte da moça. A matéria apresenta algumas das alternativas usadas para superar a acusação de assassinato da jovem, como: colo-

car apenas 150 nomes em vez de 500 para o sorteio dos jurados, além de questões como o fato de o pai de Ronaldo ter contratado uma jovem de “vida irregular”, uma “pré-prostitucional” de nome Zilza Maria Fonseca, para álibi de Ronaldo. Ela disse que conversava com Ronaldo num banco da Avenida Atlântica, quando Aída foi jogada, apesar de ela sequer ter aparecido no Tribunal. Por quê? A revista conclui que, caso Zilza tivesse comparecido, sairia presa por falso testemunho. Cabe aqui questionar o que seria a denominação “pré-prostitucional” apresentada pela revista? Em vez da Zilza, a defesa preferiu outra testemunha: Leci Gomes, que afirma ter visto Zilza com Ronaldo à hora do crime. “Por que em vez de Zilza trazem a mulher que ‘viu’ a Zilza? Não era mais fácil trazer a Zilza?” (O CRUZEIRO, 5 de março de 1960, p. 5).

Segundo *O Cruzeiro*, basta comparar o depoimento de Ronaldo com o relato de Leci para perceber que nada coincide. Além do mais, Leci descreve Zilza como loura, e Zilza é morena. Conforme a reportagem, Leci guardou silêncio com receio da campanha que a revista fazia.

Ora, o primeiro trabalho sobre o assunto apareceu nestas páginas depois da impronúncia que a justiça dos Souzas proletoou, ou seja, um ano mais tarde. Durante todo esse tempo, Dona Leci esteve calada. Para depois do julgamento (só porque, em vez de 15, Ronaldo recebeu a pena máxima) vir a público contar a história da carochinha (O CRUZEIRO, 5 de março de 1960, p. 5).

David Nasser segue afirmando que falsas testemunhas, chantagens, manobras de advogados, insultos dos advogados de defesa e ameaças de morte não serão suficientes para afastar a reportagem da linha traçada, que é o julgamento daqueles que mataram Aída. Nasser mostra-se sensibilizado pela mobilização da piedade em favor de Dona Abigail, mãe de Ronaldo, “senhora duplamente infeliz, como esposa e como mãe, merece de nossa parte todo o respeito” (O CRUZEIRO, 5 de março de 1960, p. 5). Mas ressalta que, uma vez cumprida a pena, Ronaldo voltará para casa. Por outro lado, Dona Jamila sabe que a sua filha não voltará, por isso a revista permanece divulgando o andamento do processo, tendo como objetivo a punição dos culpados. “Aída Curi também tinha mãe. O mais que se pode dizer de Dona Abigail, cuja dor nos merece realmente todo o respeito, é que não passa de outra vítima de Ronaldo” (O CRUZEIRO, 5 de março de 1960, p. 5).

A matéria “Ronaldo me disse que empurrou Aída” destaca o depoimento de Waldir Neves Ferreira, que dividiu a mesma cela com Ronaldo, preso em 22 de janeiro de 1959 e solto em 13 de fevereiro de 1959, conforme sentença do juiz Souza Netto. A reportagem questiona ainda qual a razão para Dona Leci gravar a cor da roupa e dos calçados de Ronaldo e sua acompanhante, no caso Zilza? “Perguntaríamos a Dona Leci: a senhora, que parece dotada de chapas fotográficas nos olhos, poderia reconhecer 4 ou 5 dias depois um homem que tivesse viajado ao seu lado no ônibus de lotação?” (O CRUZEIRO, 5 de março de 1960, p. 114-121, p. 117). Outra contradição no depoimento é que ela afirma que a acompanhante de Ronaldo cantava uma canção de Maysa, que falava muito em “você”. “Percebe-se logo que tal canção é ‘Por causa de você’. Acontece que Maysa só gravou essa composição em 1959, depois do crime” (O CRUZEIRO, 5 de março de 1960, p. 114-121, p. 117).

Em 26 de março de 1960, a seção “Conversa com o leitor” retoma o assunto sobre a morte de Aída Cúri, para não deixar em falta os que acompanham desde o início do caso: “O Cruzeiro, num grande esforço, conseguiu fotografar vários detalhes do ultra-secreto segundo julgamento de Ronaldo Castro. A Revista, de máquinas rodando, não deixou seus leitores na mão” (O CRUZEIRO, 26 de março de 1960, p. 3).

A seção um “Fato em Foco” relata que *O Cruzeiro*, apesar da proibição, conseguiu fotografar o segundo júri de Ronaldo Guilherme e por isso interrompeu a impressão inicial, para incluir tais fotos ainda neste número.

(...) *O Cruzeiro*, aceitando o desafio à capacidade profissional de sua equipe, fotografou os momentos iniciais da reunião que, pela sua importância para família brasileira, deveria constituir-se um ato público. E isso foi feito porque não havia razão suficiente para a proibição (O CRUZEIRO, 26 de março de 1960, p. 3).

Para garantir a publicação das fotos, a revista parou suas máquinas, que já estavam rodando os trabalhos finais desta edição e considera que a sua primeira missão foi cumprida.

A reportagem “As hienas sexuais estão soltas” é uma manifestação de David Nasser sobre a absolvição de Ronaldo e do porteiro Antônio

João. Mesmo estando de férias em uma fazenda, ele não deixou de escrever sua indignação e fazer votos que “a próxima vítima não seja a filha de um dos jurados inconscientes ou vendidos” (O CRUZEIRO, 28 de maio de 1960, p. 28).

David Nasser comenta os processos criminais contra ele e destaca que a absolvição do crime de homicídio veio provar que a instituição do Júri é vulnerável. Para o jornalista, isso, numa cidade como o Rio de Janeiro, é um desafio permanente à dignidade da própria Justiça.

Se, em outros tribunais, tem a prestigiá-la a honra de juízes do porte de um Bandeira Stampa, no 1º Tribunal do Júri será entregue a uma quadrilha que vende impronúncias, alicia jurados, arranja testemunhas e obtém a sentença que deseja de um júri teleguiado (O CRUZEIRO: 28 de maio de 1960, p. 28).

Para Nasser, a cruzada contra a impunidade não cessou e, para isso, tentará novos julgamentos e irá esclarecer a opinião pública sobre as apelações. Desta vez, quem vai julgar é o desembargador, que conhece o processo, os réus e os seus “patronos camuflados”. Diante dos quatro processos criminais movidos contra Nasser (na 3ª, na 5ª, na 10ª e na 11ª Varas) instaurados pelo sindicato da Curra, presidido pelo juiz Souza Netto, ele destaca que não irão intimidá-lo. “Não basta se transferir para Brasília a fim de que um magistrado tenha seu passado desfeito. É preciso, repito, lembrar mais da vítima do que do criminoso” (O CRUZEIRO, 28 de maio de 1960, p. 28). Nasser conclui que a família, ao recorrer à justiça, nada pode esperar. “As hienas sexuais estão soltas. Não desejo que a próxima vítima seja a filha de um dos jurados. De qualquer forma, enquanto estiver vivo, mesmo preso, continuarei a lutar.” (O CRUZEIRO, 28 de maio de 1960, p.28). Esse artigo de David Nasser ocupa menos espaço do que normalmente a revista destina a ele. A intenção da revista pode ter sido divulgar o texto, mas não destacá-lo na diagramação.

O assassinato de Aída Curi demonstra o ambiente social do Rio de Janeiro nos anos 1950, que inclusive contou com a influência dos filmes violentos do cinema norte-americano, como “O Selvagem”, com Marlon Brando, e “Juventude Transviada”, com James Dean.

O Rio de Janeiro vivia momentos inquietantes com o fenômeno da “juventude transviada”, protagonista também das famo-

sas "curras". Esperava-se da Polícia reação pronta e mais severa. As famílias da zona sul estavam praticamente desamparadas. Duas ou três semanas antes da morte de Aída, um mendigo tinha morrido em Copacabana... incendiado por mãos criminosas de um jovem do bairro (fls. 130 v). Nenhuma notícia nos periódicos de então, sobre uma séria sindicância ou mesmo simples pesquisa policial com referência à autoria deste revoltante crime!... Para tornar mais dramático ainda o quadro social, a droga já se instalara em Copacabana. (CURI, 3 de abril de 2008).

Esse texto faz parte de um artigo escrito por Maurício Curi, Mon-senhor e irmão da vítima, divulgado dia 14 de julho de 2006, no Cairo (Egito), pelo site <http://www.egliseimmaculee.com/casoaidacuri.htm>. Tal artigo discute o fato criminoso a partir da versão da família de Aída e com base nos Autos do Processo e nas informações obtidas pelo autor.

A matéria sobre o caso do mendigo incendiado, que Maurício Curi menciona, foi publicada dia 26 de julho de 1958, ou seja, 12 dias depois da morte de Aída. Essa reportagem traz na página 32 uma foto do mendigo David Oberlande, vítima da brincadeira dos menores, deitado em uma cama de hospital, com o braço direito e o tórax enfaixado em função das queimaduras. Na página 33, há uma foto de pelo menos 9 garotos envolvidos, sentados em um banco no Instituto Médico Legal, onde foram submetidos a exames de cálculo de idades. Essa foto ocupa meia página. Uma ilustração (figura 6) de Aída Curi ocupa  $\frac{1}{4}$  da página 33, tendo como legenda a preocupação com o aumento da violência: "Alerta aos pais. A jovem Aída Curi, vítima da perversidade da juventude transviada, que está tornando Copacabana quase inabitável" (O CRUZEIRO, 26 de julho de 1958, p. 33).

**Figura 6 – Aída Curi**



*O Cruzeiro, 26 de julho de 1958, p. 33.*

## **Considerações**

A revista *O Cruzeiro* modificou seu projeto gráfico em função da concorrência com os demais veículos de comunicação impressos e principalmente por causa da chegada da televisão no Brasil. A revista foi modelo para os demais impressos, tanto pela diagramação quanto pela produção das fotos. A vinda de fotógrafos como o francês Jean Manzon contribuiu com as modificações do fotojornalismo brasileiro.

Diz-se que o fotojornalismo fez escola na revista *O Cruzeiro* por valorizar aspectos até então desconsiderados nas fotos jornalísticas e por valorizar a fotorreportagem, ou seja, as matérias narradas com ênfase para fotografia, enquanto o texto fica em segundo plano.

A morte de Aída Curi foi amplamente divulgada pela revista. Mesmo sem a elucidação completa do fato, jornalistas como David Nasser se empenharam em publicar o máximo possível de provas que confirmem o assassinato. Da mesma forma que em 1958, mendigos continuam sendo queimados ainda hoje, mas com menos ênfase na imprensa.

A exemplo de 50 anos atrás, o assassinato da menina Isabella Nardoni, 5 anos, causa comoção e grande repercussão na mídia. Este é o principal assunto tratado pelos veículos nos dias seguintes à sua morte, em 29 de março de 2008. Assim como O Cruzeiro, há meios de comunicação que condenam o pai e a madrasta de Isabella, o que causou discussão, pelo julgamento do casal antes da investigação policial terminar. Assuntos como esses dão margem ao sensacionalismo, uma vez que os crimes rendem boas matérias.

Na década de 1950, os fotógrafos de O Cruzeiro seguiam duas linhas da concepção fotográfica jornalística (PEREGRINO, 1991, p. 94). A primeira linha enfatizava a qualidade técnica da fotografia, uma vez que as câmeras de médio formato (Rolleiflex) possibilitavam manter a qualidade na ampliação fotográfica. Perde-se a visão de uma fotografia mais espontânea, ou seja, a foto era mais elaborada e planejada.

Já a segunda tendência privilegiava registrar a espontaneidade, numa ruptura dos repórteres fotográficos, com a adoção da mesma prática da linha fotográfica do fotojornalismo americano e europeu, representada pela revista *Life* e pelo fotógrafo Cartier-Bresson. Principalmente nos anos 1950, O Cruzeiro preocupava-se em registrar o imprevisto e não intervir na realidade, por meio do uso de câmeras menores e mais modernas, que operam uma reformulação nos conceitos de fotografia de reportagem na revista. Ainda que a principal intenção fosse evitar a manipulação da cena do acontecimento, é possível perceber a carga de intervenção do fotógrafo, seja pelo ângulo escolhido, pela iluminação e a profundidade de campo.

## Bibliografia

CURI, Maurício. “O caso Aída Curi – versão da família” in <http://www.egliseimmaculee.com/casoaidacuri.htm>. Acesso em 3 de abril de 2008.

NETTO, Accioly. *O império de papel – os bastidores de O Cruzeiro*. Porto Alegre: Sulina, 1998.

PEREGRINO, Nadja. *O Cruzeiro: a revolução da fotorreportagem*. Rio de Janeiro: Dazibao, 1991.

*REVISTA O CRUZEIRO*: 29 de março de 1958.

*REVISTA O CRUZEIRO*: 26 de julho de 1958.

*REVISTA O CRUZEIRO*: 2 de maio de 1959.

*REVISTA O CRUZEIRO*: 9 de maio de 1959.

*REVISTA O CRUZEIRO*: 16 de maio de 1959.

*REVISTA O CRUZEIRO*: 21 de março de 1959.

*REVISTA O CRUZEIRO*: 28 de março de 1959.

*REVISTA O CRUZEIRO*: 5 de março de 1960.

*REVISTA O CRUZEIRO*: 26 de março de 1960.

*REVISTA O CRUZEIRO*: 28 de maio de 1960.

SUED, Isabel (org.). *Ibrahim Sued: Em sociedade tudo se sabe*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.